



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel
Biblioteca

Livro n.º 1296 Cota n.º 10034

5-4
10034



Casa da Cultura António Bentes
Biblioteca
(Secção de Recortes)

Namoro e Casamento na Tradição Literária Popular

Zeferino Lopes

Assunto: Tradicionalismo

Notícias de Penafiel, 22.02.1991

NAMORO E CASAMENTO NA TRADIÇÃO LITERÁRIA POPULAR

(Continuado)

Recolha efectuada por Zeferino Lopes
em PEROSELO e DUAS IGREJAS

VISÃO DO MUNDO E CRENÇAS

A imagem do mundo nos meios rurais ainda está próxima do pensamento fantástico e místico dos povos primitivos. É um mundo povoado de forças poderosas, mágicas, medonhas; mundo onde a fantasia e a realidade se confundem. Genericamente existem duas forças de sentido oposto: o Bem e o Mal. O Bem acabará por triunfar sobre o Mal. Deus, que representa a superior das forças do Bem, criou o mundo com um destino já pensado mas, como nos filmes ou nas novelas, aparecem sempre os opositores que vão pondo dificuldades ao desenrolar normal dos acontecimentos. Gera-se então o conflito entre as forças do Bem e as do Mal, acabando por triunfar o Bem, tal como é a vontade de Deus.

Esta visão maniqueísta impede uma análise científica e mais racional dos problemas. Os santos, anjos, arcanjos e os espíritos dos defuntos bons assim como Deus constituem a grande turma das forças do Bem. Os demónios, os espíritos dos defuntos maus e outras forças misteriosas controladas só por bruxas ou feiticeiros, constituem a turma das forças do Mal. A vida é então o resultado do confronto entre estas forças. Se alguém cai doente e os médicos não encontram a razão da doença, esta é logo atribuída a alguma bruxaria e, portanto, admite-se que só um feiticeiro (a) poderá destruir o poder do feitiço com uma anti-magia. Outras vezes, recorre-se às poderosas forças do bem: o santo Padroeiro., N.ª Sr.ª de Fátima ou outro santo especialista na tal doença: existe uma especialização entre os diversos santos. N.ª Sr.ª tem bastantes poderes tomando sempre o nome: neste ou naquele local, do poder que aí exerce: «Senhora dos Aflitos», «Senhora da Saúde», «Senhora da Luz», Etc.

S. Simão tem grande fama na cura dos cravos (verrugas). S. Gonçalo ajuda as moças e moços casamenteiros. Existem também outros santos que, dada a pouca tradição, não têm especialidade; tratam de clínica geral: a santinha de Balazar, o «santinho» de Beire, a «santinha de Tropeço». É curioso notar que este fenómeno dos santinhos, alguns deles vivos, aumenta em épocas de crise e de convulsões sociais. Certos taxistas contribuem também para o aumento do fenómeno explorando-o porque o santinho de longe é sempre o melhor!

Se algo de mal acontecia (morte de um vitelo por ex.) tanto podia ser interpretado como um castigo de Deus como o produto de forças malignas ou até de um simples «mau olhar». Dizia-se que certa mulher, quando chegasse a alguma casa e, mordida do inveja, dissesse: «Que lindos porquinhos!» ou «Que bonitas galinhas!», os animais acabariam por morrer todos, de tal modo que ninguém se atrevia a deixá-la a entrar em sua casa, devido a esse poder estranho que ela tinha!

As forças malignas e ocultas podem ser acionadas pela magia de alguma bruxa e controladas também por elas ou por algum padre que tivesse o poder de exorcismar, afastar o

demónio ou algum espírito mau, o mafarrico, da pessoa possessa. Só os bruxos podiam desfazer os feitiços através de uma técnica mágica que anulasse o seu poder: «A senhora F. correu tudo quanto havia. Foi até a um especialista ao Porto e não havia médico que desse com a doença. Eles todos diziam: «A senhora clinicamente não tem nada.», mas ela continuava a piorar dia a dia! Esteve às portas da morte! Se não fosse àquela bruxa, já estaria debaixo dos torrões! Foi ela que a curou!»

Conta-se que, de noite, as bruxas perseguiram rapazes e homens e pregavam-lhes partidas: atiravam-lhes terra, molhavam-nos, punham-nos a dormir num silvado, etc. Untavam-se com azeite e transformavam-se, com o poder do demónio, nalgum animal. De manhã; os caminhos por onde elas passassem cheiravam a azeiteiro. Mas, quem dissesse o «Padre Nosso» ao contrário, desfazia-lhes o feitiço, o

encantamento e elas ficariam paralizadas de medo que podiam ser desmascaradas, muito embora alguns soubessem de cor a oração do fim para o princípio. Mas, a sabedoria popular constitui um sistema sólido e fechado que não se deixa apanhar nalguma contradição: «É que as bruxas, porque adivinham, não aparecem àqueles que sabem a oração ao invés!»

Certo dia, uns moços disseram a seu pai: «O moinho encalha por causa das bruxas porque se ouvem lá vozes e gritos de mulheres!» Mais tarde, veio a saber-se que havia lá de facto mulheres, mas eram as amigas e amantes dos rapazes! E todos se entretinham em «cenar eventualmente chocantes» a coberto das bruxas!!!

O sinal da cruz era o único eficaz para afastar espíritos maus. Também o pronunciar o Santo nome de Deus, de Cristo, de N.ª Senhora produzia o mesmo efeito.

EXPERIÊNCIAS 7

Todos os dias os mesmos rostos / os
mesmos carros / o mesmo «deli» onde com-
pramos o café que sabe a toucinho / o bolo
que sabe a café / todos os dias a mesma
empregada / lavada em suor e água de co-
lonia / e as nossas narinas repletas de suor
/ e o nosso copo a saber a água de colónia /
todos os dias este andar lento / acordar
lento / ir despertando aos poucos / abrin-
do os olhos / para realizar que ainda é noite
e talvez cedo / todos os dias aquela mesma
porta / o mesmo relógio a esmagar o cartão
horário / os mesmos fantasmas a nossa es-
pera / todos os dias as mãos a mexer nas
mesmas coisas / sob o mesmo olhar vigilan-
te dum patrão / as vezes sujos / as vezes
tentando ser-nos bom / o mesmo almoço e
outra vez o cartão / o mesmo carro para re-
gressar pelo mesmo caminho / rutine / di-
zem os golua / dia-a-dia dizemos nos / sei-
me chite dirão alguns inglês / e através
do mundo uma vontade de a quebrar / de a
vencer / como se estivessemos cercados por
um círculo desenhado na areia / todos os
dias os nossos sonhos / os nossos vici-
os / a nossa vida / a minha frente este
papel dantes branco / e a maravilhosa au-
sência de repetição / a excitante liberdade
de estar sozinho e sem fronteiras / os minu-
tos roubados / e que bem que me sinto / ao
círculo de areia / mas quem diria / o tem-
po anda tão depressa

Jose Valduar

NOTA: Os acentos foram eliminados inten-
cionalmente do autor.

NAMORO E CASAMENTO NA TRADIÇÃO LITERÁRIA POPULAR

Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de
Documentação

(Continuação)

Passados uns sete ou seis meses após o casamento, nasce uma criança suficientemente amadurecida e perfeita. Mas o pessoal da aldeia, sempre pronto a criticar os desvios à norma, comenta: «Este também é prematuro! Nasceu antes do tempo!»

São raros os casos em que se expulsa a rapariga de casa pelo facto de engravidar antes de casar.

RAPARIGA:

«Estou cheia de procurar
Até que sempre apareceu
Você foge tanto de mim
Diga — que mal lhe fiz eu.»

RAPAZ:

—Diz me quanto é que t'eu devo
Para assim andar perseguido
Eu ando por onde eu quero
Ninguém tem nada comigo
Eu estar aturar mulheres
Não tinha eu outro castigo»

«Você chama me castigo
Eu é que estou castigada
Quando eu era um anjinho
Qu'até você mo chamava
Nem tinha tantos defeitos
Nem era tão desprezada.»

«Os tempos também mudam,
Não há bem que sempre dure
Ao homem tudo lhe é dado
Por mais que prometa ou jure
Eu estar estar a aturar mulheres
Quem as tiver que as ature»

«Talvez seja assim
e assim tenha que aturar
Indivíduo me quanto pôde
Foi se para, ma enganar
Se você não me receber
Vou-me deitar a qualquer»

«Pública a tua vida
Tiras um bom resultado
O maior gosto qu'eu tenho
é de te não ter difamado»

«Ai você quer que m'eu iniba
Já quando não pode ser
Muitas já falam de mim
E a barriga está a crescer»
Quando o meu pai souber
Ondá me hei-de ir esconder?»

«Esconde-te em tua casa
O pai tudo escurece
Não és a primeira filha
a quem isso acontece
E ódio de pai e mãe
em breves tempos esquece»

«Não há pai como o meu
Que perdes tais castigos
Um homem caprichoso
Estimado por bons amigos
Eu antes queria morrer
Que lhe chegar aos ouvidos.»

«Fala como entenderes
Eu de mim nada farei
Foi vaidade entre nós dois
Tu quiseste, eu gostei
Não tinha mais que te dar
E quanto eu tinha te dei.»

Recolha efectuada por Zeferino Lopes
em PEROSELO e DUAS IGREJAS

«Não quero que me dê nada
Não lhe pergunta por ter
Sabe quanto me fez mal
E cumpra agora o seu dever
Deito-me da ponte abaixo
Se você não me receber.»

«Não queiras morrer tão nova
A ponte tem muita altura
E do dizer para o fazer
Muda muito de figura
E tu escusas para morrer
Ter tão funda sepultura.»

«Cuida que não sou capaz
De me deitar a afogar
Espere mais um dia ou dois
E eu lhe hei-de desenganar
Eu hei-de deitar escritos
Papéis que lho hão-de culpar.»

«Que morras, eu não quero
Prometo ser teu marido
Antes que o teu pai o saiba
E tenha a ter contas comigo
Espera mais um mês ou dois
que eu ainda não estou prevenido»
Mas brevemente sou casado
Já tens pai para dar ao filho
no dia do baptizado.»

(Continua)

Recolha efectuada por Zeferino Lopes
em PEROSELO e DUAS IGREJAS

(Continuação)

Neste mundo, onde o sagrado e o profano se confundem, até as aves ou outros animais e plantas podem ter poderes especiais. As corujas tanto anunciam a morte de alguém como o engravidar de uma jovem mulher: isso depende do seu modo de cantar! As cobras são o símbolo e a encarnação do demónio. Mas as pombas brancas têm uma grande afinidade com os anjos pois, como estes, têm asas. Logo não devem ser atacadas nem mortas! Atribuem-se a certas ervas poderes fabulosos e, por isso mesmo, são aplicadas em bruxedos.

Nas longas noites de Inverno ou durante alguns trabalhos rotineiros, contavam-se histórias fantásticas sobre um homem tão grande que não cabia nas portas e levantava sozinho um carro de bois carregado com uma pipa cheia de vinho, ou histórias, para quem as contava verídicas, sobre uma família com muitas filhas consecutivas em que, se a quinta não tivesse o nome de Eva, estaria condenada a «correr o fado» de noite, todas as quartas-feiras! «Um dia disseram ao Sr. Doutor: «Então não baptiza a sua filha de Eva? Olhe que ela depois corre o fado! Mas ele respondeu: «Eu não acredito nisso!» Anos mais tarde a sua filha já era uma moça bonita e transformou-se, sem ninguém ver, num cão. Sabe, transformam-se no animal que passou naquele sítio onde elas vão espojar-se: pode ser um burro, cão, galinha, eu sei lá!!!» O caseiro do Sr. Doutor, quando viu aquele cão a entrar pelo quinteiro dentro, atirou-lhe um ancinho que tinha na mão e fez-lhe uma ferida. Começou logo a deitar sangue e, para seu espanto, começou a aparecer a filha do Sr. Doutor nua! Mas ainda bem que isso aconteceu senão, a pobre da rapariga continuaria a transfigurar-se e a correr o fado. Têm que correr sete freguesias numa só noite! Só deixará de correr o fado se fôr picado ou ferido! Foi o que aconteceu à filha do Sr. Doutor!»

Desconheço a razão destas crenças. Mas uma coisa é certa: Nesta região, quase todos, senão mesmo todos, os quintos filhos consecutivos do mesmo sexo têm o nome de Eva ou Adão conforme são raparigas ou rapazes. Já se vê que os nomes são o da primeira mulher e do primeiro homem segundo a Bíblia. Mas porquê o quinto filho do mesmo sexo e não outro qualquer?!

Esta crença está condenada a desaparecer já que os novos casais não estão dispostos a gerar tão elevado número de filhos a não ser que o total desconhecimento das técnicas anticoncepcionais a isso obrigue.

É de notar que, sendo o nosso estado um estado laico e o casamento civil o único válido perante o estado, não existem cursos de preparação matrimonial à responsabilidade do mesmo estado! Mas adiante!

Também se acreditava que uma mulher grávida não devia cheirar flores—o bebé nasceria com rosetas na pele—nem devia trazer colares nem cordas atadas à cinta—o bebé nasceria com o cordão umbilical enrolado no pescoço!—nem chaves à cinta—o bebé nasceria com as «Lábios rachados» (leporinos). Mulher que desse à luz teria que «guardar o mês», isto é, passar 30 dias na cama a caldos de galinha! Um bebé de peito correria grave perigo se, depois das trindades, à noite, fosse transportado no exterior da casa sem uma codea de pão com sal a acompanhá-lo. Transportar um terço benzedo no bolso protegeria o seu portador. Actualmente vemo-los dependurados nos espelhos retrovisores dos automóveis: o significado é exactamente o mesmo.

Numa sociedade cuja economia é essencialmente agrícola, não é de admirar que todo um conjunto de crenças, mais propriamente provérbios, andem ligadas ao tempo e às culturas: «Lua nova trovejada, trinta dias é molhada»; «Em Abril águas mil»; «Abril frio e molhado, enche a tulha e farta o gado»;

«Em Maio comem-se cerejas ao borralho»; «Vai ao S. Bartolomeu, vem pelo S. Gens e vareja as nozes se as tens»; «Pelo natal semeia o nabical»; «Ovelha que berra bocado que perca» mas «Quem não berra não mama»; «Quem muito fala pouco acerta» mas «A falar é que a gente se entende».

Como é fácil verificar, os provérbios visam explicar todas as situações mesmo contraditórias da vida e da realidade. Muitos deles são mesmo opostos e contrários o que, segundo a lógica da não contradição, seria um total absurdo, mas a sabedoria do rural obedece a uma outra lógica e está sempre certa porque ele sabe aplicar o provérbio exacto para cada situação determinada: deste modo ele tem sempre razão!

ta
NP-
nha
invo
senti
prec
Assi
vero
Ao
bora
desc
tura
era
mati
tecta